

A FOTOGRAFIA AMAZÔNICA DE GEORGE HUEBNER: UM OLHAR ENTRE O MODERNO E O SELVAGEM

Andreas Valentin *

George Huebner ¹ foi um dos principais fotógrafos da segunda geração de europeus que se estabeleceu no Brasil. Sua extensa obra, ainda pouco conhecida tanto aqui como no exterior, revela um profundo conhecimento da região amazônica e mostra um fotógrafo muito acima do meramente documental. Por trás das imagens de inúmeras etnias amazônicas (muitas das quais hoje extintas), da natureza superlativa, do cotidiano urbano das duas grandes metrópoles da era da borracha e de seus ilustres e desconhecidos habitantes, está um homem de rara sensibilidade. Huebner é, ao mesmo tempo, germanicamente preciso e amazonicamente grandioso e delirante.

O que fez com que esse jovem alemão fosse atraído para a distante selva amazônica, levando-o a viver e morrer em Manaus? Sua trajetória merece um estudo mais aprofundado, não apenas pela pouca informação que se tem a seu respeito, como também, e principalmente, pelo próprio conteúdo das fotografias que ele produziu ao longo de 50 anos na Amazônia. Vamos, aqui, seguir alguns de seus passos e desvelar algumas de suas impressionantes imagens.

Manaus: modernidade na selva

É necessário, primeiro, situar a cidade onde Huebner veio a se estabelecer. Por volta de 1860, quem se aventurava a chegar a Manaus (depois de uma viagem a partir de Belém e que, rio acima, em frágeis embarcações, poderia levar até três meses) encontraria ali um vilarejo de casario baixo, em sua grande parte coberto de palha, formado por ruas escuras e enlameadas em torno

* Fotógrafo, mestre em Ciência da Arte (UFF) e professor da Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

¹ Nascido Georg Hübner, em Dresden, 1862. Após fixar residência em Manaus, onde faleceu em 1935, ele "latinizou" seu nome para George Huebner.

de uma fortificação há muito abandonada. Na antiga Vila da Barra existiam poucas escolas e até o idioma português era rejeitado pela população de aproximadamente cinco mil habitantes, muitos dos quais ainda falavam *nheengatu*, a língua geral dos indígenas, inventada pelos missionários².



Albert Frisch, Manaus, 1865

Diferente de Belém, situada quase na foz do rio Amazonas e contando, desde o século XVIII, com forte presença governamental, a região de Manaus permaneceu, durante quase três séculos, isolada geográfica, política e economicamente do resto do país e do mundo. Entre 1850 e 1870 o governo central, com o objetivo de fortalecer o vale do rio Amazonas, adotou medidas que viriam a incorporar definitivamente a região ao conjunto do Império. Entre elas, destacam-se: a criação formal de uma nova unidade administrativa, a província do Amazonas, cuja capital seria a cidade de Manaus; a abertura dos principais rios a embarcações de qualquer nacionalidade; e, talvez, a mais importante, a introdução da navegação a vapor.

Em 1852, um decreto imperial concedia ao Barão de Mauá o monopólio da navegação a vapor no rio Amazonas, estabelecendo a primeira linha regular na região. O navio a vapor - essa maravilha da tecnologia que já vinha rasgando as distâncias oceânicas entre os continentes - agora, ao subir o rio Amazonas e penetrar nos seus afluentes, paranás e igarapés, começava, também, a inserir o selvagem interior amazônico no contexto mundial, permitindo a circulação mais rápida de pessoas e mercadorias. Em 1853, chegava em Manaus o primeiro navio mercante, o *Marajó*, marcando a abertura de uma nova era, de desenvolvimento e progresso, sonhos e pesadelos.

² Variante do tupi e já falada em algumas áreas do litoral. A partir da Carta Régia de 1689 foi imposta como o idioma oficial da região pelos colonos portugueses, a fim de facilitar a comunicação e de ampliar o poder dos dominadores sobre os dominados (índios).

A prosperidade viria brotar de uma das milhares de espécies vegetais da Amazônia, a seringueira, *Hevea brasiliensis*, já conhecida pelos índios há milênios. Do seu tronco, eles extraíam o látex que, após ser cozido, se tornava elástico e impermeável. A partir da segunda metade do século XIX, a borracha se inseria no repertório de produtos industriais, possíveis de ser comercializados e gerar riquezas. Com as inovações tecnológicas, multiplicaram-se suas aplicações práticas: pneus para bicicletas, carruagens e automóveis; luvas cirúrgicas; bolsas; sapatos impermeáveis e até preservativos eram fabricados a partir do látex amazônico. De 1850 a 1912, a quantidade de borracha exportada da Amazônia saltou de 1.467 para 42.000 toneladas.



Huebner - rua municipal



Huebner - mercado

A borracha provocou a inserção definitiva da Amazônia na modernidade, em todos os sentidos. Era um legítimo material do progresso: representava os avanços da tecnologia e o domínio da natureza pelo homem. Com o crescimento econômico provocado pela extração da borracha, criava-se na região um novo e promissor mercado para os produtos e serviços da era industrial.

"Afina!", dizia-se, em Manaus e em Belém, "tornamo-nos civilizados!" No auge da prosperidade, as cidades amazônicas esbanjavam riqueza e atraíam gente de toda parte do Brasil e do mundo. Enquanto para o interior selvagem, fugidos da seca, migraram mais de 300.000 nordestinos para extrair da selva a seringa, nas metrópoles chegavam comerciantes, técnicos, burocratas, profissionais liberais e aventureiros. O fotógrafo alemão George Huebner foi um deles.

Huebner: o olhar preciso do alemão caboclo

Antes do *boom* da borracha, a Amazônia havia sido fotografada pelo também alemão Albert Frisch. A ele é creditada a autoria das primeiras fotografias de índios brasileiros, realizadas, por volta de 1865, no alto rio Solimões e no rio Negro. São dele, também, as primeiras imagens de aspectos significativos da flora e da fauna amazônicas, bem como da Manaus descrita pelo casal Agassiz, em sua *Viagem ao Brasil*, 1865-1866, como "um pequeno aglomerado de casas, metade das quais parece prestes a cair em ruínas" (AGASSIZ, 1975, p. 127)

Coube ao seu conterrâneo Huebner, no entanto, documentar exaustivamente a Amazônia do fim do século XIX e início do XX. Até se fixar, em 1898, definitivamente em Manaus, Huebner já havia passado pela cidade duas vezes: em 1885, a caminho do Peru, e em 1894, antes das expedições para o alto rio Orinoco e para o rio Branco. Seu interesse pela aventura foi despertado através do convívio, ainda em Dresden, com seu professor Oscar Schneider, naturalista e membro de diversas sociedades científicas. Foi ele quem lhe abriu as portas para publicar artigos e fotografias em revistas especializadas em aventuras, geografia e história natural.

Em sua primeira viagem à América do Sul, Huebner percorreu todo o rio Amazonas e se estabeleceu na região de Iquitos e do rio Ucayali, na Amazônia peruana. A extração e o comércio da borracha já estavam em pleno desenvolvimento e, provavelmente, Huebner se envolveu com essa atividade durante dois anos, até se firmar em Lima. Sabe-se pouco sobre esses primeiros anos do jovem aventureiro em terras sul americanas. Em 1888, ele conheceu o fotógrafo alemão Charles Kroehle. Durante três anos, os dois percorreram milhares de quilômetros do território peruano, cobrindo desde os altiplanos andinos até a costa do pacífico e a região amazônica. O resultado dessa expedição foram centenas de fotografias, assinadas pelos dois, além de um profundo conhecimento da geografia e dos habitantes nativos.



Jovem xipibo da região do Ucayali; ass. Kroehle & Huebner, 1888



Jovem xipibo da região do Ucayali; ass. Kroehle & Huebner, 1888



Kroehle e Huebner no campo

As primeiras imagens de Huebner são, também, as primeiras das quais se tem notícia de etnias peruanas, como os *campa*, *mayonisha*, *caxibo*, *cunivo*, *pito*, *xipibo*, muitas já extintas. Esse trabalho pioneiro, realizado a quatro mãos³, revela um olhar atento, não apenas dos fotógrafos como também dos próprios fotografados. São retratos dirigidos e produzidos, geralmente sobre um fundo de lona, onde o retratado precisava permanecer imóvel por um longo tempo. Não se propõem a ser instantâneos, até porque a tecnologia da época não o permitia. Pelo contrário, são estudos detalhistas, uma espécie de "atlas tipológico", típico das preocupações antropológicas de então. Foi no Peru que Huebner aprendeu o ofício da fotografia, treinou seu olhar e assimilou as qualidades que caracterizariam seu trabalho mais maduro e duradouro: as de exímio retratista e paisagista da Amazônia.

Ao retornar para Dresden, em 1892, a publicação de alguns de seus textos ilustrados em revistas de ciência popular e viagens, como a *Globus* e a *Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik*, lhe rendeu seus primeiros momentos de fama e sucesso. Ele foi convocado por sociedades científicas para ministrar palestras e fornecer imagens. Em 1894, voltava à Amazônia onde, a partir de Manaus, empreendeu duas expedições: a primeira, à nascente do Orinoco, já na



Huebner - índia paraense

³ É provável que Huebner tenha aprendido a arte e técnica de fotografar com Kroehle.

Venezuela; a outra, por um longo trecho do rio Branco, afluente do rio Negro, no atual estado de Roraima. Nos oito meses em que permaneceu no ermo da floresta amazônica, além de fotografar, Huebner se aperfeiçoou na observação, documentação e coleta científica de espécies da flora amazônica, especialmente de orquídeas. Esse aprendizado lhe garantiu importantes contatos no meio científico europeu e, ironicamente, sua sobrevivência em Manaus após o declínio da borracha.

Em 1898, George voltou ao Brasil. Permaneceu alguns meses em Belém e seguiu viagem até Manaus, onde morou para o resto de sua vida. Um ano depois, inaugurava seu estúdio "Photographia Allemã", no centro da cidade, em frente ao Palácio do Governo. É interessante lembrar que Huebner chegou em Manaus no apogeu econômico da era da borracha. A cidade fervilhava com obras públicas por toda a parte. Abriam-se ruas, aterravam-se igarapés, construíam-se imponentes prédios. Instalava-se a primeira linha de bondes elétricos do País. Surgiam empreendimentos comerciais de toda espécie, sempre direta ou indiretamente ligados ao cada vez mais lucrativo comércio da borracha.



Huebner - sociedade manauara

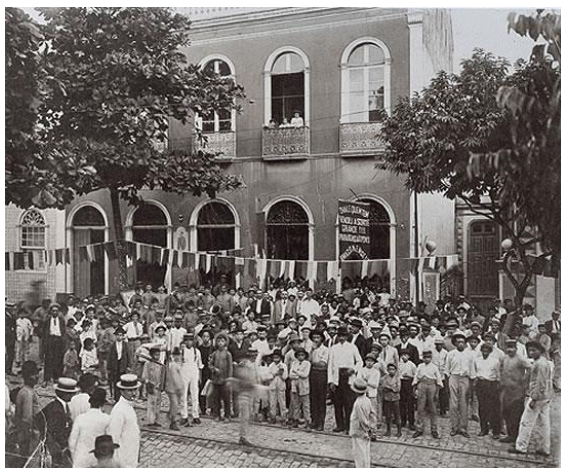


Huebner - autoretrato

É exatamente nessa época, também, que a fotografia assume grande importância no cotidiano da vida moderna. Equipamentos e processos tecnologicamente mais avançados permitiram maior rapidez na captação e na reprodução de imagens que se tornavam imprescindíveis nas mais diversas

esferas da sociedade. A rapidez da circulação e a própria avidez por informação passava, necessariamente, pela fotografia, abrindo um amplo leque de possibilidades: anúncios publicitários, documentação, divulgação, cartões de visita, cartões postais, álbuns comemorativos, retratos familiares. Huebner trabalhou em todos esses segmentos.

Em pouco mais de três anos de atuação, a "Photographia Allemã" se firmava como o maior e melhor estúdio fotográfico da cidade. Por um lado, devido à qualidade de seus equipamentos de ponta, trazidos de Dresden, na época capital mundial de suprimentos fotográficos. Por outro, pelas qualidades de Huebner, profissional já maduro e personalidade que aliava o rigor germânico à afabilidade brasileira temperada por algumas características caboclas, adquiridas ao longo de suas viagens pela Amazônia. Ele teceu uma ampla rede de relacionamentos e foi conquistando, passo a passo, a confiança da sociedade manauara. Em 1901, se associou a Libânio do Amaral, professor de Belas Artes, personalidade querida e admirada na cidade. Em 1906, eles adquiriram, em Belém, o ateliê fotográfico Fidanza, ampliando ainda mais seu mercado de trabalho. Quatro anos mais tarde, abriam uma filial no Rio de Janeiro, no edifício d'O Paiz, na Avenida Central.



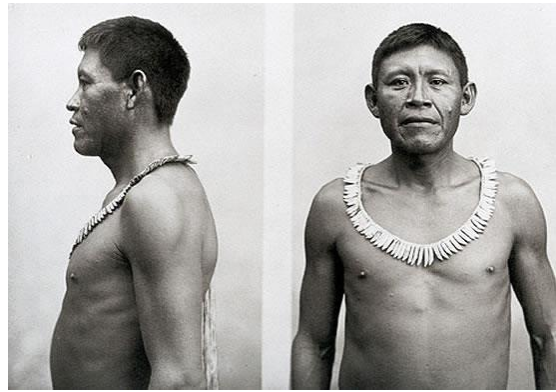
Huebner - festa em Manaus



Huebner - em casa

Enquanto o estúdio se mantinha com encomendas oficiais e particulares de toda a espécie, Huebner continuou desenvolvendo seu lado de pesquisador científico. Empreendeu inúmeras expedições fotográficas ao interior amazônico, subindo a calha do rio Negro, do rio Branco e penetrando na selva em regiões

mais próximas a Manaus. Seu olhar se dirigia para a flora⁴, para a etnografia e para os hábitos e costumes dos ribeirinhos, habitantes das beiras dos rios. As imagens desse período impressionam tanto pela qualidade técnica, como pela precisão de enquadramento e revelam um fotógrafo ao mesmo tempo documentarista e



Huebner - macuxi de frente e de perfil

inquisidor. Huebner tinha, também, uma grande preocupação com as etnias nativas que, à medida em que o progresso avançava rio acima, perdiam seus hábitos e costumes. Na impossibilidade de impedir esse processo, ele buscava, ao menos através das imagens, preservar os primeiros brasileiros.

Nesse sentido, um conjunto de imagens chama a atenção. São retratos de casais ou pequenos grupos de índios, posando para a câmera com adornos, objetos e utensílios. Um olhar mais atento indica que eles não estão em seu ambiente natural. As fotografias foram feitas no estúdio da "Photographia Allemã", onde se vê nitidamente os fundos pintados com cenas de mata: idílicas paisagens amazônicas romantizadas, com direito a bruma e névoa! Os objetos de cena - arcos, flechas, remos, galhos, folhas, palha, cestos, panos - são cuidadosamente arrumados. Em algumas fotos, aparece, inclusive, o piso de madeira do estúdio. Essas imagens revelam algumas características do trabalho e da personalidade de Huebner, como o esmero técnico e a cuidadosa produção de seu trabalho, somados às suas qualidades de cientista e investigador, ao trazer para dentro do estúdio esses indígenas com seus utensílios originais. É bem provável que muitos deles nem sejam das etnias descritas. Não importa. As imagens, tão bem preparadas e produzidas, têm força própria e, certamente, cumprem com seu objetivo nos remetendo com clareza e precisão a um universo que nos é, ao mesmo tempo, tão próximo e tão distante.

⁴ Huebner localizou algumas espécies de orquídeas desconhecidas, entre as quais uma cujo nome, *Huebneria yauperiensis*, lhe presta homenagem.



Huebner - casal



Huebner - wapixana



Huebner - canela

Huebner manteve contato com e trabalhou para muitos cientistas e pesquisadores. Dentre eles, foi com o etnólogo Theodor Koch-Grünberg⁵, no entanto, que se estabeleceu uma amizade duradoura e uma parceria de quase 20 anos. Muitos de seus artigos científicos publicados em revistas especializadas contaram com preciosas informações e imagens cedidas pelo fotógrafo. Suas expedições eram sempre preparadas e planejadas em Manaus por Huebner. Profundo conhecedor da região, com excelentes contatos não só em Manaus, como em diversas outras localidades, além de suas aptidões como fotógrafo, ele tornou-se uma espécie de consultor científico para assuntos amazônicos.

Da fotografia à botânica

Em 1912, já soavam os primeiros sinais de alerta: era o começo do fim da era da borracha. Com o advento da primeira guerra mundial e produção das seringueiras plantadas pelos ingleses no sudeste asiático, o preço da borracha despencava no mercado internacional. Muitos empreendimentos faliram, provocando o êxodo da maioria dos comerciantes e empreendedores manauaras. Como bom caboclo, Huebner, no entanto, não se "aperreou"! Já

⁵ A principal obra de Koch-Grünberg (1872-1924), "Vom Roroíma zum Orinoco", é considerada um clássico e compreende seis volumes que abrangem a etnologia, a mitologia e o folclore da região de Roraima e da bacia do Orinoco. Foi dela que Mário de Andrade extraiu os traços básicos de seu famoso herói Macunaíma. Grünberg é considerado um dos fundadores da moderna pesquisa de campo e dos estudos ameríndios. Foi ele quem primeiro classificou etnias de acordo com grupos lingüísticos.

havia alguns anos, ele vinha montando um sítio em Cacau Pirera, na outra margem do rio Negro, defronte a Manaus. Nas várias viagens que fez ao interior, sempre coletava orquídeas e palmeiras que plantava no seu horto particular. Durante todos os anos em que morou em Manaus, manteve e frutificou seus contatos internacionais com renomadas instituições botânicas e pesquisadores independentes. Após o fechamento definitivo da "Photographia Allemã", em 1920, e até a sua morte, em 1935, George Huebner se dedicou exclusivamente ao manejo, à descoberta e à coleção de espécies da flora amazônica, com a mesma dedicação e minúcia com que registrou imagens da cidade, dos índios e das paisagens que conheceu e amou profundamente.

A vasta produção de George Huebner, em especial aquela realizada pela "Photographia Allemã" entre 1898 e 1920, é de extrema importância não apenas para a história da fotografia brasileira, como principalmente por retratar a transformação de uma cidade, ou melhor, a construção de uma cidade na alvorada da modernidade. Valoriza-se ainda mais quando se leva em conta que Manaus é a porta de entrada para a floresta amazônica, esse fascinante mundo natural que as imagens captadas por Huebner, certamente, ajudaram a desvelar. Talvez a força maior de suas fotografias esteja justamente nesse permanente diálogo entre o moderno e o selvagem, entre o futuro industrializado e o passado romântico representado pelos povos em extinção e pela natureza exuberante.

Em seu minucioso trabalho de resgate de sua vida e obra, que resultou no livro *George Huebner (1862-1935), un photographe a Manaus*, Daniel Schoepf lamenta o pouco conhecimento e reconhecimento desse grande fotógrafo teuto-brasileiro-caboclo. É mais do que oportuno penetrar com maior densidade no universo amazônico de George Huebner.



logo Photographia Allemã

Referências Bibliográficas

AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil, 1865-1866**. Belo Horizonte : Livraria Itatiaia e Editora da USP, 1975.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: formação social e cultural. Manaus : Ed. Valer, 1999.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque amazônica**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2000.

PONTES FILHO, Raimundo Pereira. **Estudos de história do Amazonas**. Manaus : Editora Valer, 2000.

SCHOEPF, Daniel. **George Huebner (1862-1935), un photographe a Manaus**. Genève : Musée d'Ethnographie, 2000.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida**. Manaus: Editora Valer, 2000.

VALENTIN, Andreas. **Contrários**: a rivalidade nos Bois-bumbás de Parintins. Niterói, 2004. Dissertação (mestrado no Programa de Pós-graduação em Ciência da Arte) - Universidade Federal Fluminense.

VASQUEZ, Pedro Karp. **Fotógrafos alemães no Brasil do séc. XIX**. São Paulo : Metalivros, 2000.